

Catequeses Teresianas

XXIII

O matrimónio espiritual descrito por Teresa equivale ao encontro dos primeiros discípulos de Jesus com o Ressuscitado, numa sequência de experiências espirituais: desde a percepção clara de que ele não pertencia ao lugar dos mortos, passando por várias visões intelectuais dele, até à ascensão e ao dom do Espírito de Jesus na festa do Pentecostes. Nas sétimas Moradas, Teresa mostra que a ressurreição de Jesus dava sentido à vida e à cruz. Uma ponta final da experiência do Ressuscitado pelos primeiros discípulos é o da missão: passaram do medo à evangelização na partilha da experiência e na partilha dos bens ajudando os necessitados. A contemplação não exclui a acção. Teresa mostra a associação indissolúvel entre ambas, recorrendo mais uma vez à força da palavra de Deus: “Crede-me que Marta e Maria hão-de andar juntas para hospedar o Senhor e tê-lo sempre consigo e não lhe dar má hospedagem, não lhe dando de comer. Como lha daria Maria, sempre sentada a seus pés, se sua irmã não a ajudasse?” (7M 4,12). Se, ao longo do processo, o orante se foi «dispondo» (7M 2,8) para viver em conformidade com o evangelho de Jesus, agora nas sétimas Moradas converte-se da situação de narcisismo inicial à de doação no amor crescido e educado na comunhão com Jesus e no bem ao próximo. E se não podemos provar o amor a Deus, podemos comprovar as mudanças pessoais, que, com o amor ao próximo, se convertem em termómetro para discernir o progresso no processo espiritual. O fim do «matrimónio espiritual» não é o bem-estar beatífico para viver pasmado ou fora deste mundo. Remete para a vivência do evangelho de Jesus, “imitando a [vida] que viveu o seu Filho tão amado” (7M 4,4).

P. Armindo Vaz, OCD